



Cópia
BCD 16

ARQUIVO NACIONAL

Diretor — E. VILHENA DE MORAES

PAUXIÁNA

Pequeno ensaio sobre a tribo Pauxiána e sua lingua, comparada com a lingua Macuxí

POR

D. ALCUINO MEYER O. S. B.



Nihil occultum latebit
RIO DE JANEIRO
1956

Notas sobre a Expedição de Georges Salathé e Carlos LAKO no Rio Catrimani, Setembro 1929 - Fevereiro 1930 entre os Pauxianas (extintos) e Yanomami (p. 21-26), designados como Karime, Uaika, Yavari.....

(cf fotos em anexo)
Um dos primeiros contatos com os yanomami - Pouco depois tile uma ligação entre balakiras e Yanomami. Depois de ter matado vários índios os balakiras fugiram. Não teve mais contato até instalação da Missão Catrimani na área (1961: primeiros contatos).
Outras fotos desta expedição se encontram no V. III da Índios do Brasil, Bندن.
A fotos em anexo de Etnografiska Museum de Göteborg, N. Hamngatan. 13, 3411 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000

Etnografiska Museum
de Göteborg
N. Hamngatan. 13
3411 14
Göteborg
Sveden.

NOTA LIMINAR

REALIZADO, no Rio de Janeiro, em setembro de 1944, o X Congresso Nacional de Geografia, ao mesmo tive ensejo de comparecer na qualidade de Diretor do Arquivo Nacional, representante do Ministério da Justiça, junto ao Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia.

Tomei, assim, conhecimento da tese pelo Revm.^o Dom Alcuino Meyer, O.S.B. apresentada ao Congresso, sob o título:

"PAUXIANA — Pequeno ensaio sôbre a tribo Pauxiana e sua língua, comparada com a língua Macuxi."

trabalho êsse que, tendo embora recebido por parte dos especialistas o merecido louvor, não pôde, entretanto, por dificuldades técnicas, creio eu, ou de ordem econômica, ser aceito para a devida publicação. Pesaroso por semelhante contratempo, que vinha assim desacoroçoar a atividade científica de um abnegado missionário que nos longínquas paragens do território do Rio Branco, continuava a honrar as tradições apostólicas dos filhos de S. Bento, prontifiquei-me, com entusiasmo, a divulgar a obra como parte integrante de futuras publicações, do Arquivo Nacional.

Confiado, talvez, demasiado na minha boa vontade e interesse pelo progresso da cultura científica mais do que na abundância dos recursos financeiros do Arquivo, esquecia-me de que, além de ordinariamente escassos, estavam êles sujeitos a infundáveis delongas e formalismos burocráticos capazes de os fazerem minguar ou desaparecer totalmente.

Foi, de fato, o que sucedeu. Restava-me, porém, como um imperativo de consciência, a lembrança do compromisso e o apreço da obra e do autor, uma e outro, ainda, depois de tantos anos, em plena atualidade.

Chamado, pela obediência a outros labores de sua sagrada missão religiosa, encontra-se agora Dom Alcuino Meyer na Bahia, onde teve ocasião de apresentar, com ligeiras modifi-

ações que, segundo me informa, não lhe alteram a substância, esta mesma tese que ora se imprime ao Congresso de Antropologia reunido na Cidade do Salvador.

Digno, como é, o trabalho de ser divulgado, não constitue essa dupla adoção obstáculo de espécie alguma, servindo, ao contrário, de demonstrar, eloqüentemente, que o tempo se encarregou afinal de fazer justiça aos aturados esforços do extenuado pesquisador.

Situa-se, guardadas as distâncias, a tese, ao lado de famosa obra de Capistrano — impressa em 2.^a edição no ano de 1941 :

"RA-TXA HU-NI-KU-I"

"A língua dos Caxinauás — do Rio Ibaçu" — Afluente do Rio Murú — Prefeitura de Tarauacá".

Quanto dentre os leigos não terão porventura lançado olhos desdenhosos a êsse compacto volume de centenas de páginas corridas, indagando da suposta utilidade aquelas 5860 frases gramaticalmente desconexas, arrancadas à força da boca dura de um filho das brenhas e daqueles extensos e minuciosos vocabulários caxinauá brasileiro e brasileiro caxinauá, que os acompanham, compridas chaves de um idioma bárbaro, utilizado apenas por algumas poucas hordas de infelizes desertados da cultura e da civilização.

Aí está, entretanto, no dizer do sábio Professor Dr. Theodoro Kock Grunberg, o maior e melhor material que jamais se publicou sobre as línguas sul-americanas de índios, e que abre ademas no campo sociológico vastas perspectivas sobre a vida material e intelectual daqueles selvícolas. Tudo isso, claro está, sem falar, ainda, no inestimável valor do trabalho em si mesmo, dentro dos cânones da metodologia linguística. E' o que também se observa na tese, mais modesta, de D. Alcuino Meyer.

Suíço de nascimento, amando o Brasil como segunda pátria, viveu anos afundado nas selvas do Rio Branco, dedicando-se, e nêsse ponto a sua obra sobreleva a de Capistrano, corpo e alma, à salvação eterna daqueles miseros cuja existência terrena lhe ministrava também material adequado para desempenhando melhor a sua divina missão, saciar ao mesmo tempo a própria sede de saber.

Mourejaram ambos, como se vê, num campo arduo, isto é, a etnografia, que antes das versões feitas por Capistrano das monografias de Ehrenreich era (segundo êle mesmo faz

notar) geralmente desconhecida no Brasil. Oferece, ademais, a tese de D. Alcuino o aspecto, por assim dizer, dramático, de fixar para a posteridade, inclusive com expressivos espécimens fotográficos antropológicos, os últimos instantes de uma tribo a estas horas, senão já de todo extintas, já prestes a extinguir-se.

Tem, assim, tóda a oportunidade a sua inclusão entre as "PUBLICAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL" que, voltadas tradicionalmente de preferência aos temas de história política e administrativa, com demasiada profusão de vezes no que tange ao enfadonho relato de movimentos revolucionários, mostram-se de todo alheias ao estudo, tão interessante, dos nossos aborígenes.

Contribue para sanar, em parte, essa lacuna, a jovem "Pauxiana" que vem agora a lume, braço dado, aitosamente, com outra irmã mais velha — A Bula "INEFFABILIS DEUS", de S.P. Pio IX, sobre a definição dogmática da Imaculada Conceição, trasladada e guarani pelo Conêgo João Pedro Gay.

Subscrevem ambas as obras duas penas sacerdotais, como o foram aquelas que, desde os primórdios de nossa história, traçaram com ânimo pio e devoção humanística, os seguros lineamentos, até hoje nunca superados do estudo gramatical e do vocabulário dos idiomas americanos, um dos quais reduzido por Anchieta aos rigores da métrica.

Só tenho, por último, a lamentar que dificuldades técnicas, tipográficas, fáceis talvez de superar mais tarde, por outros institutos, hajam impedido publicar o vocabulário da língua, apresentada, entretanto, a título de amostra, por alguns quadros facsimilares.

Que sirva, "feci quod potui", o presente epísculo de incentivo a outros mais poderosos para a edição integral do trabalho é o que sinceramente deseja o diretor do Arquivo Nacional.

Rio, dezembro de 1956.

V. de M.

RAZÃO DE SER DA TESE

SOBRE a língua Pauxiána existe, até hoje, uma única publicação feita por Georges Salathé. Esta apareceu em francês na "Revista Del Instituto de Etnologia", tomo II, págs. 297 e 316 — da Universidade Nacional de Tucuman (Argentina). O texto original, escrito em alemão, foi traduzido para o francês por A. Métraux. Quem se interessou também vivamente pela publicação dos estudos originais de Georges Salathé foi o falecido grande etnólogo suéco Erland von Nordenskiöld. No Museu etnográfico de Goeteborg existe a parte principal da coleção etnográfica obtida na expedição de Salathé e companheiros ao rio Catrimani, realizada nos meses de setembro de 1929 a fevereiro de 1930.

A minha coleção pessoal foi remetida (doada) ao Museu Missionário Vaticano em Roma. Esta expedição projetada e organizada pelo helveto-brasileiro Jorge Salathé e secundada pelo preparador de zoologia húngaro Carlos Lako e por mim, teve por finalidade primordial explorar o rio Catrimani para tomar conhecimento dos numerosos índios que lá deviam existir, segundo informações um tanto vagas, e imprecisas de balateiros e exploradores congêneres. O escôpo colimado foi realizado em parte, conseguindo a pequena expedição, aparelhada apenas para o indispensável, estabelecer contacto direto com o que ainda restou de mais importante da tribo Pauxiána e com a, até então, desconhecida tribo dos Carime ou Karimé e, de mescla com estes, indivíduos de tribos ou hordas afins.

Além dos três brancos supra-citados tomaram parte na excursão de caráter científico, religioso e ainda aventureiro alguns índios do alto Rio Branco, sendo um Uapixana de nome Nestor criado em Boa Vista e, por isso, ignorando a língua tribal; e os outros: Jandão, Raimundo, João Batista, Pitá, índios Macuxi da malóca do Maturuca no Alto Rio Maú, todos já falecidos, além do Taulipang Jorge da faixa fronteira Brasil-Venezuela, e do Macuxi-Uapixana Abilio, ambos também falecidos. Com exceção de Jandão eram todos rapazes novos e o Abilio ainda quasi curumi.

Assumira eu o compromisso de arranjar (recrutar) esta tropa de índios dispostos para a aventureira expedição. Levei-os do Boa Vista à Ilha de São Francisco do Catrimani, sita bem defronte da foz do Rio Catrimani, onde, de acôrdo com a combinação prévia, me encontrei com os senhores Salathé e Lako, vindos de Manáus com o rancho necessário para a projetada viagem de muitos meses. De todos os personagens até agora citados existem apenas nós três brancos e o caboclo Nestor. Salathé e Lako ficaram no Rio e eu estou aqui de passagem.

Tínhamos — passo a falar no plural incluindo os companheiros de excursão — necessidade de um guia e a pessoa para isso indicada era o Pauxiána Quirino que, infelizmente, se encontrava no Rio Anauá, quiçá a muitos dias de viagem distante do lugar de partida (S. Francisco do Catrimani).

Não havia outra alternativa a não ser: buscar o Quirino fôsse lá onde e quando, ou desistir da expedição.

Naturalmente, nem se pensou na segunda e metemo-nos à procura do guia. Segui eu no motor do Sr. Antônio Terêncio de Lima, vulgarmente conhecido sob o apelido de Tota, na pequena embarcação — tipo igarité com cobertura de palha de inajá, um velho motor a gasolina nela instalado.

E' interessante estabelecer aqui um pequeno parentese para caracterizar o dono da embarcação e seu veículo, âmbos de tipo original. O "Tota" é um dos melhores práticos ou pilotos do Rio Branco como o fora o pai d'ele, Terêncio de Lima. Distingue-se por um sangue-frio à tôda a prova. Nada dêste mundo é capaz de fazê-lo perder a calma, já proverbial na região.

Parece que êste homem tem em lugar de nervos, uns feixes de cordas quaisquer.

Não menos notável era a "Maribata", a tal embarcação. Para os concertos do motor, assás freqüentes e indispensáveis, serviam latas velhas de conserva, pedaços de barbante e outras coisinhas tais.

O Tota e sua "Maribata" prestaram-nos relevantes serviços que dispensamos, muito pesarosos, ao chegarmos a região encantoeirada do rio Catrimani.

Dei graças a Deus de encontrar o Quirino após alguns dias (2 ou 3 se bem me lembro) de viagem dentro do rio Anauá. Vinha êle já descendo e nada custou ganhá-lo para incorporar-se à expedição na qualidade de guia.

Deixo de referir mais particularidades da para mim célebre e memorável viagem para aqui mencionar apenas os pontos de interesse direto da tese. Muitos detalhes da viagem que ora

omito, poderão servir de tema ou de fundo ilustrativo e decorativo a futuras publicações concernentes à excursão e seus resultados práticos.

Atracadas à "Maribata" levavamos 4 canôas novas e boas, provenientes dos estaleiros de Santarém, da madeira preferida para as construções navais, a "Itaúba", e que haviam de servir, como de fato serviram, ao prosseguimento da expedição desde a primeira cachoeira chamada da "Piranteira".

Tivemos de pagar um tributo bem custoso aos manes protetores do extenso rio ainda virgem, pelo nosso atrevimento de cusarmos profanar o misterioso encanto da "terra et água incognitae", não obstante ser eu nenhum profano e sim religioso e até sacerdote.

O tributo exigido ou seja o castigo infligido de antemão consistiu em adoecermos todos, com a única exceção do Sr. Salathé, chefe da tropa. Apanhamos um impaludismo forte que nos prostrou por muitos dias e só nos permitiu a continuação da viagem com o prejuízo em tempo de 3 boas semanas. Adoecemos, os primeiros, dentro das embarcações em marcha. Foi um amável designio da Providência divina chegarmos, na tarde do dia fatídico, a um barracão abandonado, construído por exploradores de castanha, bastante amplo e bem conservado para servir-nos de hospital de emergência.

Pouco distante do dito lugar, 3/4 de hora (a motor), a montante do rio ficava, o último reduto de Índios Pauxiána, na malóca chamada do "Marinheiro", à margem esquerda do rio, pouco abaixo da já mencionada cachoeira da Piranteira.

Foi sbretudo nesta malóca que pude estudar alguma coisa dos hábitos e da lingua dos Índios Pauxiána. Foram êstes índios, mais o Quirino, que me forneceram o "substractum" principal para o despretençioso trabalho que agora, e somente agora, ofereço à publicidade. Eram dos índios mais simpáticos, fisicamente e moralmente falando, dentre os inúmeros índios que até hoje tive oportunidade de conhecer no Território do Rio Branco (a ser futuramente chamado Território Federal do Parima), que, aliás, em sua maioria, devem ser registrados no rol dos índios mais avantajados do Brasil e de tôda a América do Sul; em minhas viagens repetidas e prolongadas pelos rios, pelas savanas ou campos gerais e pelas serras do Território, privilegiado em beleza panorâmica, em recursos naturais, e hospitalidade da gente civilizada e indígena, na qualidade de missionário e modesto cientista para não dizer "curioso".

A TRIBO E A LÍNGUA DOS ÍNDIOS PAUXIÁNA

O GRANDE etnólogo Teodoro Koch-Gruenberg, em seu opúsculo intitulado: "Die Voelkergruppierung zwischen Rio Branco, Orinóco, Rio Negro e Yapurá" ("A distribuição geográfica das populações indígenas entre o Rio Branco, Crinóco, Rio Negro e Yapurá"), aparecido como "Sonderdruck aus der Festschrift Eduard Seler" em diz o seguinte acêrca dos Índios Pauxiána:

"Uma tribo, dêse há muito tempo conhecida de nome, porém, até hoje cientificamente inexplorada, é a tribo dos Pauxiána ou Pauixána, denominada pelos brasileiros de Pauixanas, Pauxiana. Pauhixiánas ou ainda Pajanas. Em 1787 eram êles ainda numerosos e habitavam o médio e o baixo Catrimani. — 1) — Natterer colca o seu *habitat* no Catrimani e Mccajai. — 2) — Martius, baseando-se muito provávelmente em informes brasileiros, e falando em têrmos assás vagos, dá os seus domicílios como estando "nas altas regiões das cabeceiras do Urariccera", onde "dizem que êles moram em furnas e grotas, tão abundantes naquelas serras". Caracterisa-os de afáveis e industriosos. — 3) — Segundo Coudreau ocupavam êles todo o Mccajai, o Catrimani e parte do Dalmíni. — 4) — Porém, já no tempo dêle diminuíram muito em número. O médio Mccajai era então considerado seu domicílio principal, onde, segundo as notícias, possuíam 6 malôcas com cêrca de 150 habitantes. — 5) — Agrupamentos pequenos vagueavam também pelas matas do Catrimani. Estipula o número d'êles em 250 almas. — 6) — Segundo indagações feitas por mim, vivem os Pauxianas ainda em pequenos agrupamentos no médio Mccajai e Catramani.

Por vezes as suas canças descem até o rio Branco, onde os Pauxiána vão trocar os próprios produtos, especialmente rêdes (macas), feitas, com notável períeição, de fibras de palmeiras, por mercadorias européias, ou também para trabalharem algum tempo com os moradores civilizados e regressarem, em seguida, à sua região úmida e fébril.

Em seu aspecto físico distinguem-se notavelmente das tribus vizinhas. Êles são mais ossudos e tem barba mais abundante.

Mas são particularmente os seus rostos que se destacam pelas niaças salientes e os olhos oblíquos (epicanthus). — 7) — Muitos apresentam o tipo semítico (V. retratos). Quanto sei, nunca foram tomados apontamentos da sua lingua. Richard Schom-

burak afirma que esta tem muita semelhança com a língua Wapixana (Uapixana ou Vapidiana). 3) — "Anotações e Bibliografia: 1) — Henri Coudreau, La France Equinoxiale II. 394. 2) — Natterer, segundo seus apontamentos manuscritos. Ele não tinha, dessa tribo, "colhido provas lingüísticas e sim apenas objetos". 3) — Martius-Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens I 635 ss. — 4) — O rio Daimini é um tributário da margem esquerda do Rio Negro e sua foz fica de frente da vila Barcelos. — 5) — Malocas chamam-se as casas tri-tuais que servem de habitação a todas as famílias e individuos estabelecidos em determinado lugar (= casa coletiva). — 6) — Coudreau l. c. (= loco citado = lugar citado l. 247, 254s. G. Grupe y Thode, Ueber den Rio Blanco und die anwohnenden Indianer. Globus LVII 253. — 7) — Coudreau l. c. 254, 384. — 8) — Of. os (até então) únicos retratos de Pauxiana tirados pela antiga firma J. Huebner e Amaral em Manaus e publicados em "Jacques Oriqué". O vale do Rio Branco Manaus 1903." (até aqui Koch-Gruenberg).

Temos de ajuntar, em matéria de bibliografia, mais as seguintes publicações:

a) Bento de Figueiredo Tenteiro Aranha: "A Terra, as cousas e o homem da Amazônia" na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará". Ano I. -- fascic. III, págs. 324.

b) Georges Salathé, Les Indiens Karimé — Tucuman — Universidade Nacional de Tucuman — 1932 — com um "Vocabulaire Pauxiana" a págs. 367-313.

c) Dr. Wilhelm Schmidt — Ethnologia Sul Americana Ed. Brasileira — 1942 — com mapa da localisação das tribus indígenas.

Adjudica a tribo Pauxiana ao grupo Aruak.

d) Chestmir Loukotka, na Revista do Arquivo Municipal de LIII — 1939/39 — S. Paulo, no artigo intitulado "Linguas indígenas do Brasil", adjudica a língua Pauxiana à família linguística Karibe ou Cariba em consequência da publicação de Salathé.

Cito Chestmir Soukotka: (Cestmir)

36) Família Karib

a) linguas da Guiana:

2) Pauxiana (entre rios: Mocaiaí e Catrimani) (com intrusões de Aurak) Salathé p. 307 - 313.

Quando recebi o convite para seguir ao Rio como delegado territorial ao X Congresso Brasileiro de Geografia — ainda não sabia da publicação de Chestmir Loukotka e sua referência à língua Pauxiana adjudicando-a à grande família linguística Karib

ou Cariba; o que eu pretendia provar mediante a presente tese. Se esta já não é necessária para desfazer a dúvida que havia sobre a inclusão do Pauxiana em tal ou qual grupo étnico ou família linguística, se também já vem tarde demais para corrigir o erro da sua classificação Aruak, servirá contudo para corroborar a teoria já estabelecida, trazendo alguns novos raios de luz e novo material que não deixará de interessar os círculos interessados.

Devo ainda mencionar aqui o nome do meu caro confrade Dom Mauro Wirth O.S.B., etnólogo de nome já feito, o melhor conhecedor da língua Aruak Uspixano, Uapixana ou Vapidiana. As indicações por êle ministradas provaram-me de que a hipótese da língua Pauxiana pertence ao grupo Cariba parece ser a única aceitável e que certas características Aruak, em particular wapi-xana, como por exemplo a freqüente acentuação paroxitona, demonstram o inverso da outra hipótese, a saber de que a origem Cariba juntou-se a influência Aruak.

Encontram-se na língua Pauxiana muitos radicais e vocabulos, ou iguais ou semelhantes às de linguas Caribas, ex. gr. do Macuxi. Sobre a construção sintáctica do Pauxiana não tive ocasião de fazer estudos, razão por que não me é possível estabelecer comparações neste ponto importante. Parece-me, porém, que a igualdade ou semelhança de muitas radicais da língua Pauxiana com as de linguas Caribas, dão, já por si, direito a formular duas hipóteses:

1.^a) A língua Pauxiana, e por conseguinte a tribo que a fala pertencem ao grupo Cariba.

2.^a) A tribo Pauxiana foi suplantada por Caribas sendo, por isso, forçada a aceitar e assimilar, pouco a pouco muitos costumes e, em parte, a língua dos dominadores.

A influência Cariba faria que os Pauxiana mesclassem a própria língua (quicá de origem Aruaque) com uma da família Cariba e que, destarte modificada, a legassem aos pósteros.

O nome: "Pauxiana" é de origem Aruaque, pois segundo a língua Vapidiana (Uapixana, Wapisana), esta reconhecidamente Aruaque, quer êste nome dizer "Nação (ou gente) mutum". — A etimologia é a seguinte: "Pauí", ou "pawí" muito provavelmente da língua geral Tupi e adotada no Macuxi tão bem quanto no Uapixana ("pauixi") quer dizer "mutum" — e o termo Uapixana "pidiana" quer dizer "gente".

Provaria isto a origem Aruaque da tribo Pauxiana? Poderia ser. Entretanto não prova mais do que a mera influência Aruaque. Por tudo quanto fica dito no correr da exposição da tese — inclino-me fortemente a aceitar como sendo mais provável a hipótese da língua Pauxiana ser de origem Cariba.

NOTAS GERAIS SOBRE OS ÍNDIOS PAUXIÁNA

As valiosas informações de Koch-Grünberg sobre os Pauxiána, alegadas na tradução vernácula página acima, tenho de acrescentar:

Habitat e número — No chamado “Marinheiro”, a imagem esquerda do Rio Catrimani, lugar onde começa a região encaixeiçada, a montante, pouco abaixo da primeira cachoeira denominada da “Piranteira”, existia ainda em 1929 e 30, uma pequena malóca de índios Pauxiána, civilizados. Era o último resto unido dessa tribo que ainda tinha o domicílio no lugar ou na região que antigamente era ou devia ser povoada por Pauxiána

Vim a saber, por intermédio dos índios do “Marinheiro” que os Pauxiana moraram também nas imediações da Cachoeira do Urussú, mais ou menos ao pé da Serra do Pacú, ocupando duas grandes malócas.

Outros domicílios de Pauxiana existiram no alto Rio ou Igarapé do Pacú em diversos lugares, como também ao longe do rio Catrimani até a altura do Rio Arapari, além disso em muitos pontos marginais deste rio tributário (do Catrimani). O nosso guia Pauxiana Quirino nasceu no dito Arapari, na malóca chamada de São Pedro.

Fôra daquela malóca havia somente indivíduos em número reduzido, espalhados por vários pontos do Território em convivência com outros índios (caboclos) e com civilizados. Parece que hoje não existe mais nada da referida malóca. Ao menos é o que depreendo do fato de a Comissão de limites não mencionar nada sobre a existência de índios Pauxiana no Rio Catrimani e a Comissão de Limites foi a primeira expedição que navegou pelo rio todo penetrando até as cabeceiras. Tive ensejo de verificar, lendo o relatório do Chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, 1.ª Divisão, Cap. Braz Dias de Aguiar, de 1939-1942 — ainda datilografado e não publicado. O eminente sertanista e pioneiro Nacional não faz aí nenhuma referência a Índios Pauxiána. Espero ter ainda oportunidade de esclarecer a questão indagando da possível existência dos últimos Pauxiána e do seu paradeiro. Dou certeza apenas da existência de 1 Pauxiána de nome Salvador que vive na zona do baixo rio Mocajai, ligado a índios Macuxi e outros (V. ficha antropométrica entre os anexos a tese), e devo

acrescentar que vi no ano atrazado, por este tempo, 1 mulher Pauxiana casada com 1 civilizado. Foi isso na Fazenda Nova Oimda no baixo Rio Cauanié.

Parece que os indios da malóca do "Marinheiro" moravam anteriormente na Ilha Catrimani (no Rio Branco) confronte à bôca do rio Catrimani.

RECENSEAMENTO DOS INDIOS DA MALÓCA PAUXIANA
DO "MARINHEIRO"

No Rio Catrimani

Joaquim de cêrca de 40 anos
Sua mulher Inez de cêrca de 35 anos?
3 filhos:
Galdino — 15 anos;
Raimundo — 11 anos;
Maria — 6 anos.

O velho viúvo Manoel de cêrca de 60 a 70 anos; seu filho José, rapaz bem feito e bonito; sua sobrinha, a viúva Maria.

Aspecto fisico

Homem (Joaquim) de altura acima da mediana, corpo bem feito ao que se podia constatar superficialmente — rôsto oval — cabeça dolicocefala — cabelos prêtos tirando para castanho escuro (seria grau 9 a 10 da tabela de Schultz?) lisotricos (como nos Macuxi etc.) — olhos negros (seria grau 16 da tab. Schulzt?) — nariz bem formado, levemente aquilino, quasi imperceptivelmente achatado — bôca ortognata, regular — têz: morena (como nos Macuxi etc.) — seria grau 18 da tabl. de Schultz?) mãos pequenas regulares, pés idem.

Mulher (Inez) mais ou menos com os mesmos característicos.
N.B. -- Tipos que lembram um pouco o semitico.

Retratos fotogrâficos

- 1) — Quirino — Anexo n.º 2.
- 2) — Joaquim — Inez — Galdino — V. anexo 3.
 - a) vista frontal.
 - b) vista de perfil e meio perfil — V. anexo 4.
- 3) — Grupo completo da Malóca do "Marinheiro" V. anex. 1.

Bâços antropométricos de indios Pauxianas

(Segundo Carlos Lakó)

Homem (Joaquim?)

	cm.
Altura total	163,8
Perimetro torácico	91,0
Comprimento do braço	71,0
Perimetro cefálico	51,0
Altura da cabeça	23,0
Diâmetro bi-orbital externo	10,4
Diâmetro bi-orbital interno	3,1
Comprimento do membro inf. internamente	71,0
Comprimento do pé ..	23,5
Altura do tronco inclus. cabeça	102,0

Moço (Galdino?) — de cêrca de 15 anos

	cm.
Altura total	157,5
Altura da cabeça	22,00
Diâmetro bi-orbital ext.	12,2
Diâmetro bi-orbital int.	3,8

Mulher (Inez?)

	cm.
Altura total	145,5
Comprimento do pé	21,5

Aspecto ou fisionomia mental

Os Pauxiana são indios afáveis, em seus característicos intellectuais e morais semelhantes aos outros Caribas do meu conhecimento, a saber de inteligência mediana, de regular facilidade de apreensão e assimilação (como são, por via de regra, os homens primitivos), de memória muito bôa, de vontade fraca.

Observa-se também entre os Pauxiana a tendência de darem as informações de acôrdo com os desejos manifestos ou mesmo táctos dos interrogantes — seja por mera cortezia, seja por interesse material ou ainda por motivos que escapam ao conhecimento e interpretação (indole infantil).

É de notar, entre os Pauxiânas, a particularidade da pouca resistência à dor física ou moral intensa. O nosso guia Quirino chamou a minha atenção para esta característica da fisionomia moral da tribo. Qualquer sofrimento difícil de ser suportado constituía motivo suficiente para os Pauxiâna se suicidarem. O próprio Quirino, então ainda pagão, asseverou-me que não teria a menor dúvida nem via inconveniente algum em tirar a própria vida em caso de transe difícil ou grave sofrimento físico. Na tribo Macuxí só me constam raríssimos casos de suicídios:

1) — Caso de 1 moço por motivo de paixão amorosa não correspondida;

2) — 1 mulher Monoicó por desgosto de família devido a crime incestuoso, alheio.

Pode este fenómeno ter contribuído para o rápido decréscimo da tribo. Naturalmente não seria hoje possível saber-se em que grau influiria para isso.

Entretanto é de supor que a causa principal de extermínio da Tribo Pauxiana foram os assaltos efetuados por hordas hostis de índios selvagens dos altos rios Catrimani e Mocajai.

Dos costumes tribuais que me foi dado observar durante a minha permanência curta entre os Pausiana, alego apenas os que divergem notavelmente dos costumes corriqueiros das tribus Caribas. Os hábitos de vida comuns, inclusive de alimentação, das várias tribus da grande família Cariba já foram descritos minuciosamente por muitos etnógrafos de reconhecida autoridade.

Seria, pois, fastidioso repeti-los aqui. Além disso a sua repetição tornaria o presente trabalho por demais extenso.

Indumentária

Os Pauxiâna usavam as mesmas indumentárias dos Macuxí. Estas se reduziã, no homem ao chamado "rabo" (tira de pano — de preferência encarnado — passado entre as côxas e segura num feixe de fios de algodão colocado em volta da cintura) com as extremidades pendentes na frente e atrás; e, na mulher, a uma tanga de missangas brancas, azuis, encarnadas, simples ou combinadas em belos desenhos de linhas e gregas, cujo feitio e disposição demonstram impecável bom gosto.

Entre os Pauxiâna do "Marinheiro" vi apenas o velho Manoel andar de "rabo", isso mesmo só ao entardecer e à noite. Os outros todos, tanto homens quanto mulheres, andavam vestidos à moda dos civilizados, embora usando roupas bastante simples.

Enfeites

Estes eram os mesmos dos usados pelos Macuxí e tribus afins e os Pauxiâna civilizados do "Marinheiro" traziam-nos ainda em parte.

Assim vi as mulheres com diversos colares, e com largas tiras de missangas azuis escuras e bordas brancas em redor dos pulsos feito pulseiras, idem em volta dos tornozelos.

Usavam, igualmente, bastos feixes de missangas brancas nos braços e ditos da mesma cor ou azuis abaixo dos joelhos.

Um retrato de mulher Pauxiâna mostra que usavam também bодоques em número de três na parte central do beijo inferior e nos cantos da boca.

Vi o velho Manuel com pausinhos enfiados nos lóbulos das orelhas.

Casa

A Malóca do "Marinheiro" constava de 1 casa de tipo original, de 1 barraca comum de palha e de um barracão.

A casa principal de tipo caracteristicamente indígena apresentava a forma e as dimensões seguintes:

Feitio circular, cônico de telhado bastante ingreme (em ângulo de cerca de 45°), de dimensões pequenas, de aproximadamente 7 metros de diâmetro, com cobertura e paredes perimétricas de palha de palmeira de uma espécie anã, chamada "ubim", com a biqueira a 2 ms do chão (vide anexos, item IV foto n.º 1). Além do esteio central havia 8 esteios menores, laterais, distantes da parede circular cerca de 1 metro, e que tanto serviam para apoio do telhado como para armadores das redes de dormir. Joaquin, o principal da malóca, informou-me que os seus antepassados faziam casas circulares ençrmas, para comportar toda a população local constante de 10 à 20 e mais famílias (exatamente como estava em uso entre as outras tribus Caribas).

Roça

Os Pauxiâna da malóca do "Marinheiro" tinham uma roça de bom tamanho, bem cuidada, contígua ao terreiro da casa, onde se via plantado: maniã (mandioca), macaxera, cana de açúcar, jurumú (abobora), abacaxis, alguns algodoeiros e, em número menor, outras plantas cuja discriminação lamento de não encontrar anotada na caderneta da viagem.

Armas e utensílios

Achei original o feitio do arco Pauxiana, maior do que o arco empregado pelos macuxi e achatado dos 2 lados.

Notei certa diferença, aliás indicada pelo Macuxí Jandão, périto na arte de trançados a palha de uarumã etc. (no trançado do tipiti Pauxiana).

O tipiti é uma espécie de manga de uarumã, com uma abertura em cada extremidade. Na abertura superior a mulher ocupada no preparo do beijú (pão de mandioca) ou da farinha, mete a massa ralada e ligeiramente exprimida para acabar de exprime-la dentro do primitivo aparelho, tão simples quão engenhoso. Na mesma extremidade superior há uma espécie de alça de palha pela qual é o tipiti dependurado. Por outra alça, semelhante à primeira, existente na extremidade inferior, passa um pau comprido e resistente, uma de cujas pontas ajusta-se por debaixo duma escora qualquer. Uma ou duas mulheres sentam-se em cima do pau fazendo peso, de modo que o tipiti, cada vez mais esticado, expreme perfeitamente a massa, libertando-a do tucupí, líquido venenoso contendo ácido cianhídrico.

Vi também 2 tambores de feitio original, mas, infelizmente, não assentei na caderneta nenhum detalhe descritivo dos mesmos.

Cutros utensílios não se diferenciavam dos congêneres da tribo Macuxí, a menos que alguma particularidade divergente tenha escapado à minha observação.

E' o que anotei como digno de reparo sobre a tribo Pauxiana, no limitado espaço de tempo da minha convivência com o derradeiro reduto tribal da mesma.

Passo à segunda parte da tese, de interesse exclusivo dos filólogos, em especial dos estudiosos das línguas indígenas.

II

BREVES NOTÍCIAS SÔBRE OS ÍNDIOS
DO RIO CATRIMANI E REGIÕES
VIZINHAS

NO chamado "Marinheiro", à margem esquerda do rio Catrimani, lugar onde começa a região encachoeirada (subindo o rio), pouco abaixo da primeira cachoeira, denominada "Piranteira", existe uma maloca pequena de índios Pauxiana, civilizados. É o último resto dessa tribo, que ainda tem o domicílio no lugar ou na região que antigamente devia ser povoada de Pauxiana. Há uma ou outra família de Pauxiana no rio Mocajahy (curso inferior), em convivência com outros caboclos e com civilizados. Sobre a existência de alguns restos de Pauxiana em outros pontos do Rio Branco e quiçá alhures, colhi apenas notícias vagas. Esta tribo parece pertencer ao grupo Caríba ou Caraibá. Razões: Semelhança de língua e costumes, conquanto o tipo seja diferente.

Carimi (Kari:me, Cari:mé, Carina, Calina):

A esta tribo pertence ou parece pertencer o tuxaua Simão, e parte da gente dele. Acham-se domiciliados na maloca chamada do tuxaua Simão (segundo os civilizados, balateiros...), perto do Igarapé do Jandiá (curso médio), confluyente do rio Catrimani pela direita, acima da extensa região encachoeirada. Não pude averiguar se os Carimi formam (resp. formaram) uma tribo, própria, ou se são apenas uma horda de outra tribo, p. ex. dos Shirianá ou..., que ainda existem na região da Serra do Parima. Parece-me fora de dúvida, que eles têm parentesco com outras tribos resp. hordas encontradas na mesma região a saber os Uaicá (Waicá, Aicá,...) e Yauari (Jauary). Indivíduos das três

hordas ou tribos vivem na maloca do tuxaua Simão. Se entre eles se nota diferença de tipo, a língua parece ser a mesma. Idênticos, com poucas variações, parecem ser também os seus costumes. Quanto à língua poderá ser que os idiomas das tres tribos sejam dialetos de uma e mesma língua. O que o dr. Koenig-Gruenberg escreve sobre os Shirianá (Die Schiriana und Waika — nos III e IV vols. da obra "Vom Roroima zum Orinoco), vale em grande parte dos Carimi etc., a saber no tocante à língua e costumes e em algumas particularidades também quanto ao tipo. Deveriam então os Carimi, bem como os Uaicá e Yauari, e talvez outras tribos resp. hordas, pertencer a um mesmo grupo (cujo nome talvez seja Shirianá ou...), grupo êsse que não tem parentesco nenhum com os Caribas, nem tão pouco com os Aruácas, formando portanto grupo isolado.

Perto da maloca do tuxaua Simão, distante talvez meio-dia, há uma maloca de Carimi e..., da qual vieram ter conosco (na maloca do Simão) 5 homens e 1 menino, entre eles 1 tuxaua Yauari e seu filho menor.

O Simão afirma que existem mais malocas da tribo dêle (Carima, Calina,...), muito longe, para o lado de Oeste. Seria na Serra ou pequena cordilheira do Parima.

N.B. — A maloca do Simão está situada a cerca de 20 graus de longitude W. do Rio de Janeiro e aproximadamente 2 graus de latitude.

Uaicá (Uaicás, Waicá, Aicá, Waiká,...):

Existem diversas malocas de Uaicá no rio Catrimani. Assim consta da presença dêles no Igarapé do Chiriána, afluente do rio Catrimani pela direita. Alguns indivíduos estão na maloca do Simão. Fui informado que em maior número acham-se domiciliados no rio Demeneny (curso superior e cabeceiras), idem em outros pontos.

Yauari (Yauari, Jauary,...):

Alguns indivíduos desta tribo estão na maloca do tuxaua Simão. Informou êste, bem como o Quirino Pixaúna e balateiros, que se encontram muitos Yauri na região compreendida entre os rios Catrimani e Mocajahy, onde parecem ter os seus verdadeiros domicílios, ex. gr. nas cabeceiras do Mocajahy, no Igarapé do Apiaú, confluente do rio Mocajahy pela direita, bem perto do Catrimani; idem no Igarapé do Arapary, confluente do Catrimani, pela esquerda.

INFORMAÇÕES DO CABOCLO QUIRINO PAUXIANA
SÔBRE OUTROS ÍNDIOS

Parátiri (Paraytiribe, Paratariba,...):

Num confluente do Catrimani moram os Paratiri (Paratiriba) muito acima da maloca do Simão; suponho que seja nas cabeceiras ou perto das cabeceiras do rio Catrimani. Numerosos e bravos (?). Os civilizados chamam-nos Paitiri ou Paiquiri.

Pacatái:

Num afluente do Catrimani, também para o lado das cabeceiras, encontram-se os Pacatái. Numerosos.

Etorissana:

Idem, poucos e bravos (?).

Damanivá:

Num confluente pela esquerda do Igarapé do Pacú (?), afluente do Catrimani pela esquerda, para os lados de Caracarahy (?) e Serra Grande (?), na Serra do Urubú (?), dentro da mata, moram os índios Damanivá. Assegura o Quirino que há ... anos um caboclo Pauxiana encontrou lá os tais índios numerosos e mansos.

INFORMAÇÕES QUE O TUXAUA SIMÃO (CARIMI) E O
SURARA (UAICÁ) DERAM SÔBRE OUTRAS TRIBOS

Jamataribe (Jamatariba, Jamataris...) mansos (Jamatariba).

Motostaribe (Motostariba...)

Xipiatariba (Chipiatariba...) (Sipiatariba)

Oconyêcetaribe

Cuensetaribe

Puçaracantaribe

Macaco-taribe

Cuaimi:

Se compreendi bem a informação do tuxaua Simão, todas estas hordas ou tribos (?) parecem pertencer ao mesmo grupo dos Shirianás ou Têm os domicílios nas cabeceiras do rio Catrimani, resp. nas vertentes da serra ou cordilheira do Parima.

INDIOS DO RIO CATRIMANI E REGIÕES VIZINHAS

Grupo	Tribo (e/ ou horda)	Habitat certo ou suposto
Shirianas ou N	Caraíba	Fauxiána (rescinhos) Rio Catrimani e Mocajahy
		Uaicá Rio Catrimani — Ig. Chiriána — rio Uarará e Demeneny.
		Yauari Rio Catrimani — Ig. Arapuy — Rio Mocajahy (cabeceiras — Ig. Apiauhy).
		Carimi Rio Catrimani — Ig. Jandiá — Serra do Parima (?)
		Farataribe Rio Catrimani — Ig.
		Pacatais Rio Uarará () e Demeneny (?)
		Dotorissana Serra do Parima (?)
		Jamataribe Rio Catrimani — cabeceiras — Serra do Parima (?)
		Motostaribe Idem
		Xipiataribe Idem
		Oconyêetaribe Idem
		Cuencetaribe Idem
		Puçaracautaribe Idem
		Macáco (s) taribe Idem
	Cuaimi Idem	
?	Damanivá	Rio Catrimani — Ig. do Facú (?) Serra do Urubú (?)

POPULAÇÃO EFETIVA DA MALOCA DO TUXAU SIMÃO EM DEZEMBRO DE 1929

Famílias — 5.

Homens	7
Mulheres	6
Meninos	5
Meninas	1
Crianças:	
masc.	3
fem.	1

Total 23 pessoas

NOMES DOS INDIOS DA MALOCA DO TUXAU SIMÃO

Dado pelos civilizados	Índigena	Tribo
Homens:		
Simão (tuxaua) casado com Uaicá	Canina (sabor)	Carimi
Chico casado com Yauari	"
José (irmão do Chico) solteiro	Yá:ruá	"
Antonio Soares (Surára) viúvo	Yauána	Uaicá
..... casado com Carimi	Yá:man (a) t'hêri	Xipiatariba
..... Idem	Ná:po	Uaicá
..... Idem	Gaicuá:ra (Cuaicuá:ran)	Carimi
Meninos:		
.....	Yauari (?)	Yauari
.....	Crierim	"
Outros

Mulheres:

Mulher do Chico	Yauari (?)	"	?
Nome dado pelos civilizados	Indígena	Tribo	
Mulher do Yámanat'hêri	Ná:bi (? irmã)	Carimi	
Mulher do Nápo	Uná:hi	"	

NOME DOS ÍNDIOS DE OUTRA MALOCA VIZINHA

Homens:

.....	Coná:gi	Carimi	?
filho do anterior	Mô:xi	"	?
.....	Ná:kenem	"	?
.....	Xé:ke	"	?
.....	Golá:ta	Yauari	

Menino:

.....	Berá:cam (Rói)		
-------	----------------	--	--

INDICES MENTAIS DE ALUNOS DO CALUNGA
AGOSTO DE 1944

	N o m e	Memória			Idopi	Critério	Vontade
		Inteligência	Imaginação				
Irmãos Irmãos	1) Joaquim (Wapixána) . . .	21	38	58	36	46	24
	2) Lauro (Wapixána) . . .	12	32	75	34	30	30
	3) Manuel (Wapixána) . . .	10	38	82	47	28	34
	4) Misael (Wapixána) . . .	11	86	62	45	41	30
	5) Onésimo (Macuxi) . . .	17	38	78	34	36	28
	6) Germano (Macuxi) . . .	15	25	30	32	17	23
	7) Efrem (Macuxi) . . .	11	34	90	41	38	22
	8) Martinho (Macuxi) . . .	18	26	64	39	44	32
	9) Galdino (Macuxi) . . .	14	30	57	40	38	30
	10) Francisco (Macuxi) . . .	9	32	48	36	36	29
	11) Emiliano (Taulipâng/ Macuxi)	12	32	63	56	35	32
Índice Mental		30	80	38	40	40	
Diferença em Misael							
de 1942. (9 anos)		108	—	47	31	20	
a 1944. (11 anos)		86	62	45	41	30	
Índ. diferencial		-22	—	- 2	+10	+10	

(*) VOCABULÁRIO

Consta o vocabulário anexo, não publicado, de 55 páginas datilografadas, em 3 colunas paralelas, na seguinte ordem: Português, Pauxiána e Macuxi, abrangendo os seguintes assuntos:

Corpo e membros — Elementos e Natureza — Religião, Medicina, etc. — Casa, Utensílios, Armas (Etnográfica) — Honem, Família, Sociedade — Mamíferos — Aves e Pássaros — Peixes, Réptis, Anfíbios — Animais inferiores (bichos) — Plantas — Números — Pronomes: 1) P. Pessoal — 2) P. Possessivos — 3) P. Demonstrativo — Adjetivos (Qualificativos, etc.) — Côres — Advérbios, etc.: 1) de tempo — 2) de lugar — 3) de modo, etc. — Verbos.

Num total de:

855	palavras	em	português
846	"	em	pauxiána
759	"	em	macuxi

V. de M.

A LÍNGUA

Exemplar da Pronuncia-Sinais Dacríticos

- o "o" - (Macuri) sublinhado quer dizer que se trata de um som intermediário entre "o" e "u"
- o "u" - (Macuri) sublinhado quer dizer que se trata de um som intermediário entre "o" e "u".

Ditongos

Quando, para maior clareza, se torna necessário ou conveniente assinalar o ditongo com acento tónico, terá, o sinal "´" sobre o ditongo v. gr. $\frac{1}{au}$

Consoantes

As consoantes com pronúncia intermediária entre forte e branda. exemplos.

p/b	=	p̃	
t/d	=	t̃	
k/g	=	k̃	- gh

"l" e "r" - nem sempre se distinguem claramente; aliás o "r" é semelhante ao "r" português.

"h" - aspirado

"x" = x grego, "ch" alemão, "j" hespanhol.

"x̃" = x mais brando

"x̂" = x bem forte

"g" e "j" = iguais aos respectivos sons portugueses.

"sh" = mais forte que o "g" e "j" portugueses e mais

branco que o "ch" e "x" portugueses.

s = igual ao "sh" e "x" portug.

"x" = forte (x = reforçado)

"ó" = semelhante ao "ch" hespanhol

"z" = "g" ou "j" português.

U "r" = é empregado (frequentemente para evitar equívocos).

"y" = semelhante ao - y - português em 18do, ao "j"

alemão e ao "y" inglês em Yung.

Tem valor de consoante.

"nh" = não corresponde ao diagrama português - nh - em

"lenha", mas conserva o valor das consoantes se-

paradas de "n" e "h" aspirado.

"ny" = equivalente ao "nh" - português (em "lenha"), é

indicado por "ny".

y - entre Y e Z (y = z)

"v" = v - português.

"w" ("u") = corresponde mais ou menos ao - w - inglês.

Z z = corresponde ao Z português

Z z - idem porém muito brando.

Acentos e sinais diacríticos.

"´" sobre vogal = acento tônico (principal), quando necessário assinala-lo em oposição a outros acentos.

"¨" sobre "e" e "o" = "é" e "ó" claramente abertas.

"˘" vogal = vogal distintamente fechada

"˙" atrás da vogal = significa que a vogal é longa.

"◌̣" sobre uma vogal = significa que a mesma é muito breve

(respectivamente surda), às vezes mal

perceptível.

"◌̂" sobre uma consoante = significa que é meio brando, sem in-

termediário entre forte e brando, ou

não bem definido (exemplo "p").

"◌̄, ı, ú" = o acento agudo - ´ - sobre as vogais a, i, u,

indica sempre a respectiva tonicidade (princi-

pal ou secundária).

"◌̇" = o apóstrofo atrás de uma letra significa a

provável eliminação de um som.

caracterizado por acento ou sinal equivalente.

Nasais. encontram-se poucos nasais. Quando uma vogal é nasal, é isso designado pelo til "ˆ". O "n" nasal = "ñ", corresponde ao "ng".

Vogais

"a, i, u" - como ou quasi como no português.

o "ã" - sublinhado tem o valor de som mais ou menos intermediário entre "a" e "o".

"e" - geralmente mais fechado do que o "e" portug.

o "ä" - sublinhado significa "a" aberto (áaouf)

"ë" - muito fechado

"ö" = semelhante ao "o" alemão ou "ou" francês, porém um pouco mais surdo, muitas vezes tirando para o - i -.

"ø" - surdo e tirando para é, intermediário surdo entre "e" e "o".

"o" - geralmente aberto, - correspondente ao "o" portugues.

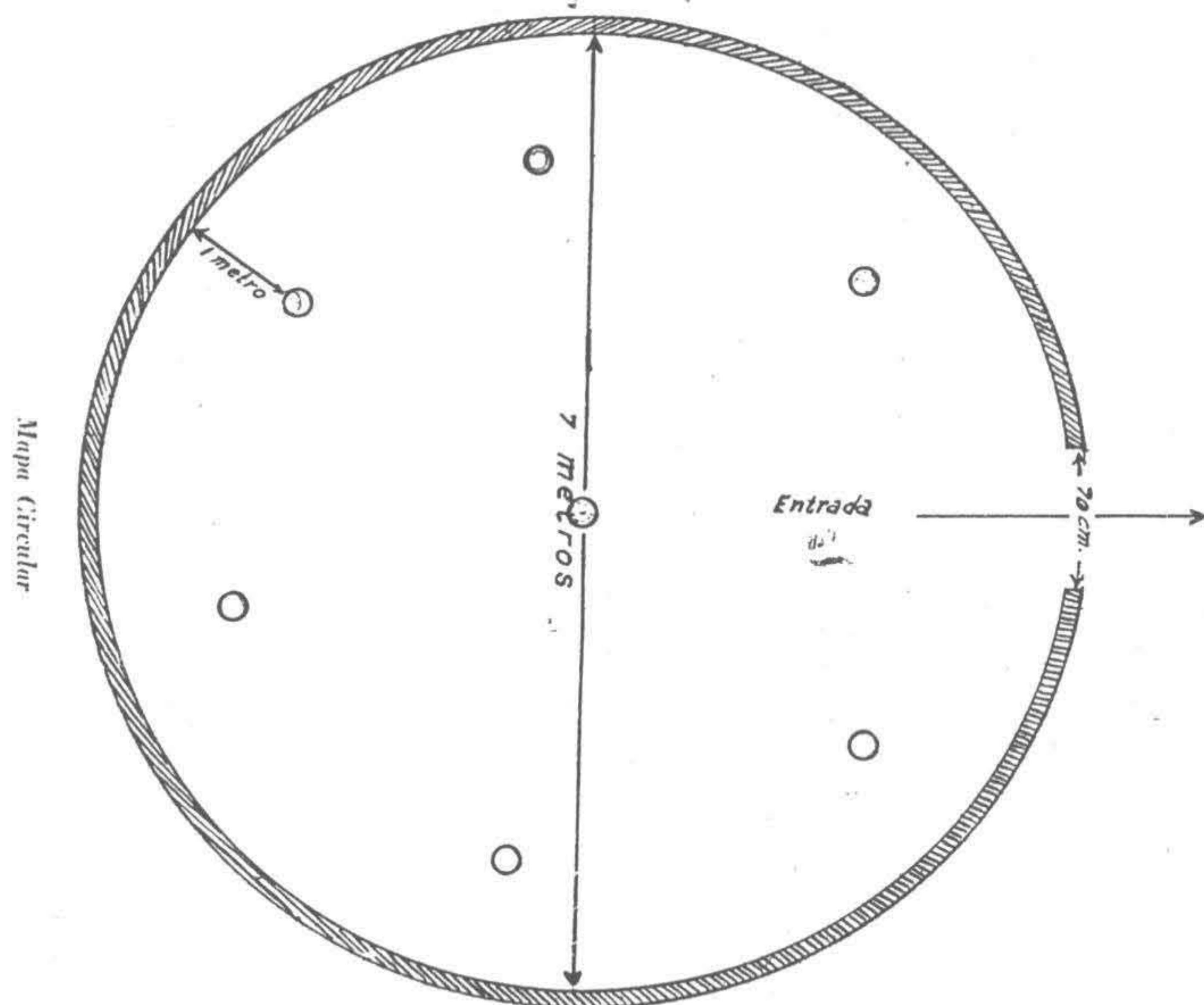
quanto muito aberto, tem o acento - ó -

O mesmo vale do "e" muito aberto - é -



Mapa do Brasil, em branco, mostrando a posição do Território Federal do Rio Branco.

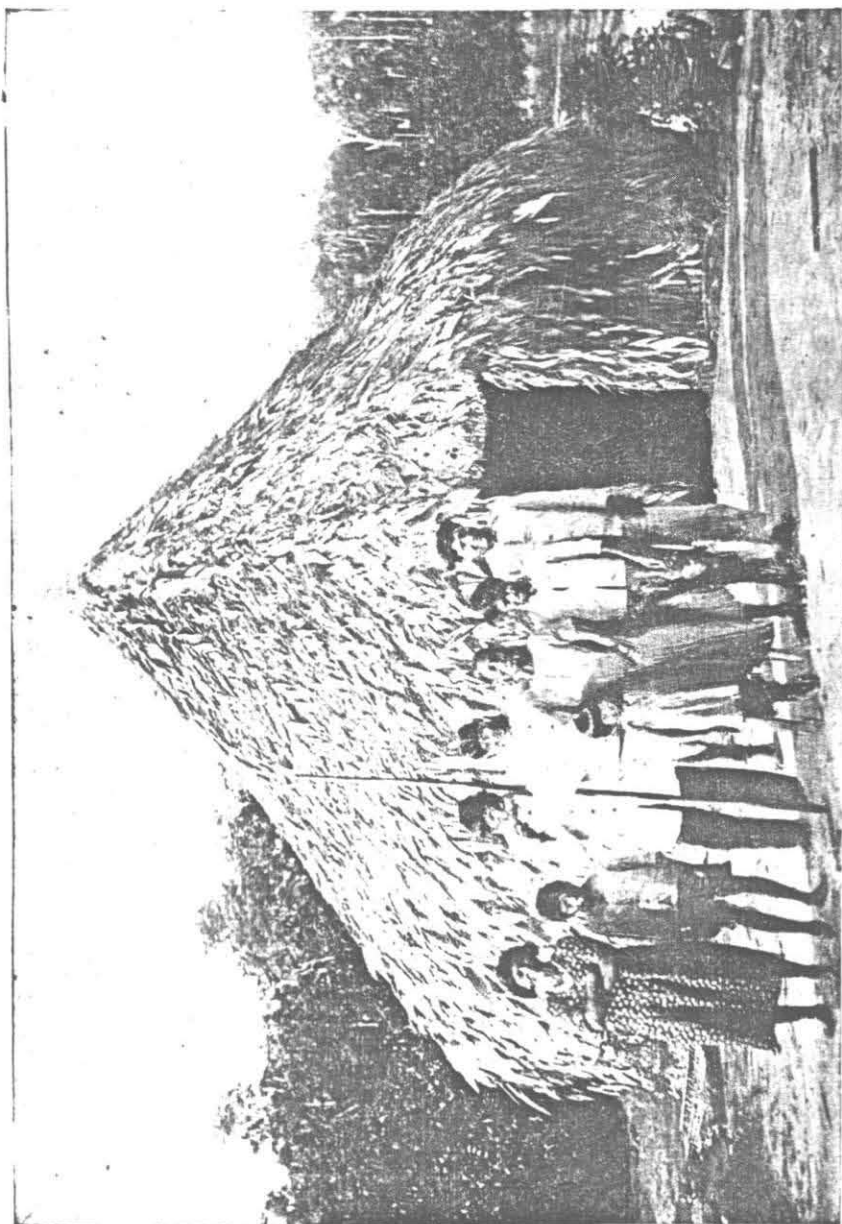
[34]



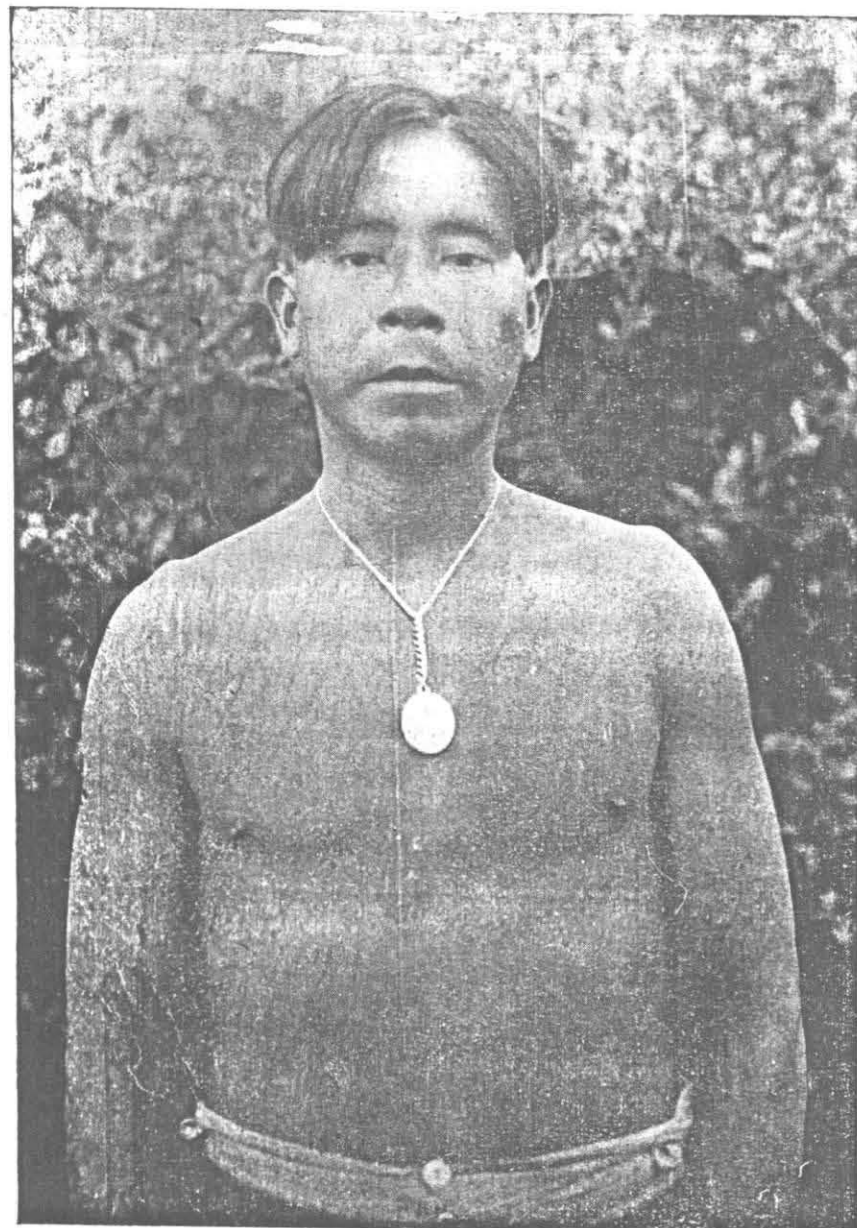
[35]



Índios Pauxianas, dos Rios Mucajai e Catrimani (tribo quase extinta ou extinta) ± 1905



Mulher Pauxiana do Marinheiro, no Rio Catrimani, com o grupo dos Índios, seus habitantes. — Jorge Salathé, 1929-1930.



O Índio Pauxiana Quirino, guia da expedição J. Salathé ao Rio Catrimani 1929-1930

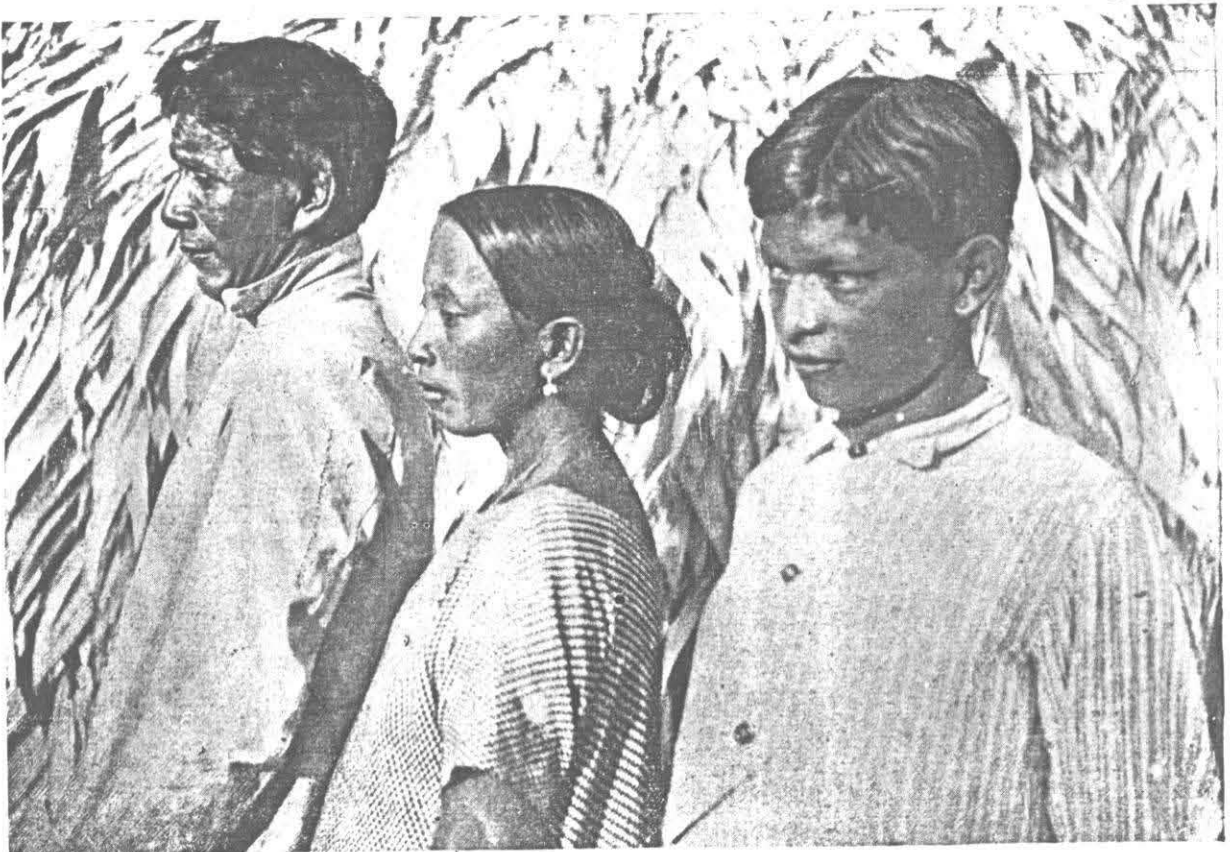
ÍNDIO PAUXIANA

[38]



O velho Joaquim e sua mulher Inez, com o filho mais velho Galdino (?)

[39]



O velho Joaquim e sua mulher Inez, com o filho mais velho Galdino (?)



Indio Macuxí (1.^a geração) — Tuxaua Grande Idefonso
1924



Tipo de índio Pauxiana, do Rio Catrimani.
J. Hübner, 1905 ou 1906.



*Tipo de índia Pauxiana, do Rio Catrimani.
J. Hübner, 1905 ou 1906*

[42]



*Tipo de índia Pauxiana, do Rio Catrimani.
J. Hübner, 1905 ou 1906*

[43]

[44]



*Inácio Macuxí (2.^a geração) — Tuxaua Grande José Armando de Almeida,
filho do Tuxaua Idefonso*

[45]



*Escola de Índios do Patronato de São Bento de Calungá, em Bôu Vista, no Território Federal do Rio
Branco. — Fotografia tirada em Julho de 1940. Os números 2, 7 e 8 referem-se aos alunos mencio-
nados no Quadro dos Índices das faculdades mentais do ano de 1942 — Os algarismos 2 e 6 fazem alusão
aos Índices apresentados no Quadro dos índices mentais de Agosto de 1944.*

Índios Mucuxí — 3.^a geração: Germano de Almeida, neto do Tuxaua Idefonso, filho do Tuxaua José Armando.



[46]

Alunos do Patronato de São Bento de Calungá, em Bóia Vista, no Território Federal do Rio Branco, em 1940. — Os números 1, 2, 7, 8 e 9 referem-se aos alunos mencionados no Quadro dos Índices das faculdades mentais, do ano de 1942. — Os números 1, 2 e 6 dizem respeito aos alunos indicados no Quadro dos Índices mentais, de agosto de 1944. — O número 6: Germano; indica também a 3.^a geração do quaéro. — Apresentação fotográfica de 3 gerações de Índios Mucuxí, do alto Rio Branco. — A fotografia foi tirada em Julho de 1940.



[47]

A fotografia representa o grupo das educandas maiores das Rev. Madres Beneditinas de Bóia Vista, no Território Federal do Rio Branco. Com exceção de duas, são todas Índias Mucuxí e Uapixána. — Fcto de 1940 (Julho ou Agosto).

Referente ao quadro dos índices das faculdades mentais dos Índios, do ano 1942. 12 — Ana (Mucuxí)

I N D I C E

- 1 — NOTA LIMINAR fl. 3
- “PAUXIANA — Pequeno ensaio sobre a tribo Pauxiana e sua língua, comparada com a língua Maeuxi”.
 - “RA -TXA HU-NI -KU -I” — “A língua dos Caxinauás — do Rio Ibuagu” — Afluente do Rio Murú — Prefeitura de Tarauacá”.
- 2 — RAZÃO DE SER DA TESE fl. 7
- 3 — A TRIBO E A LINGUA DOS INDIOS PAUXIANA.. fl. 11
- 4 — NOTAS GERAIS SOBRE OS INDIOS PAUXIANA . . . fl. 15
- Recenseamento dos índios da maloca pauxiana do “Marinhoiro”.
 - No Rio Catrimani.
 - Aspecto físico.
 - Retratos fotográficos.
 - Dados antropométricos de índios Pauxianos.
 - Aspecto ou fisionomia mental.
 - Indumentária.
 - Enfeites.
 - Casa.
 - Roça.
 - Armas e Utensílios.
- 5 — BREVES NOTÍCIAS SOBRE OS INDIOS DO RIO CATRIMANI E REGIÕES VIZINHAS fl. 21
- Carini (Kari :me, Cari: mé, Carina, Calina).
 - Uaicá (Uaicás, Waleá, Aicá, Waika, . . .).
 - Yanari (Yanari, January, . . .).
 - Informações do caboclo Quirino Pauxiana sobre outros índios.
 - Informações que o Taxaua Simão (Carimi) e o Surára (Uaicá) deram sobre outras tribos.
 - Índios do Rio Catrimani e regiões vizinhas.
 - População efetiva da maloca do Taxaua Simão em dezembro de 1929.
 - Nomes dos índios da maloca do Taxaua Simão.
 - Nomes dos índios de outra maloca vizinha.
 - Índices mentais de alunos do calunga (Agosto de 1911).
- 6 — A LINGUA fl. 29
- Exemplar da Pronúncia — Sinais Dacríticos.

- I MAPA DO BRASIL em branco, mostrando a posição do Território Federal do Rio Branco fl. 33.
- II MAPA CIRCULAR Desenho mostrando a forma da base de construção de maloca Pauxiana em ponto pequeno, com as dimensões aproximadas -- fl. 34.
- III -- INDÍOS PAUXIANAS, dos Rios Mucajai e Catrimani (tribo quase extinta ou extinta) -- 1905 -- fl. 35.
- IV -- MALOCA PAUXIANA do Marinheiro, no Rio Catrimani, com o grupo dos índios, seus habitantes -- Jorge Salathé, 1929-1930 fl. 36.
- V -- O INDÍO PAUXIANA Quirino, guia da expedição J. Salathé ao Rio Catrimani -- 1929-1930 -- fl. 37.
- VI -- O VELHO JOAQUIM e sua mulher Inez, com o filho mais velho Galdino (?) -- fl. 38.
- VII -- O VELHO JOAQUIM e sua mulher Inez, com o filho mais velho Galdino. (Perfil) -- fl. 39.
- VIII -- INDÍO MACUXÍ (1.ª geração) -- Tuxaua Grande Hldefonso -- 1921 fl. 40.
- IX -- TIPO DE INDÍO PAUXIANA, do Rio Catrimani -- J. Hubner -- 1905 ou 1906 -- fl. 41.
- X -- TIPO DE INDIA PAUXIANA, do Rio Catrimani -- J. Hubner -- 1905-1906 -- fl. 42.
- XI -- TIPO DE INDIA PAUXIANA, do Rio Catrimani -- J. Hubner -- 1905-1906 -- fl. 43.
- XII -- INDÍO MACUXÍ (2.ª geração) -- Tuxaua Grande José Armando de Almeida, filho do Tuxaua Hldefonso -- fl. 44.
- XIII -- A ESCOLA DE INDÍOS do Patronato de São Bento de Calungú, em Boa Vista, no Território Federal do Rio Branco -- Fotografia Grada em Julho de 1940 -- Os números 2, 7 e 8 referem-se aos alunos mencionados no Quadro dos Índices das faculdades mentais do ano de 1912 -- Os algarismos 2 e 6 fazem alusão aos índios apresentados no Quadro dos Índices mentais de Agosto de 1911 -- fl. 45.
- XIV -- INDÍOS MACUXÍ (3.ª geração): Germano de Almeida, neto do Tuxaua Hldefonso, filho do Tuxaua José Armando -- fl. 46.
- XV -- A FOTOGRAFIA representa o grupo das educandas maiores das Revmas. Madres Beneditinas de Boa Vista, no Território Federal do Rio Branco. Com exceção de duas, são tôdas índias Macuxí e Uapixána -- Foto de 1940 (Julho ou agosto).
-- REFERENTE ao Quadro dos Índices das faculdades mentais dos índios, do ano 1912. 12 -- Ana (Macuxí) -- fl. 47.